

CARLOS MÉLO

Entre – Campos

04 JUN – 10 JUL 2010

Auto-retrato em fuga

A obra de Mélo busca afirmar o singular, o intensivo, o afetivo. O próprio artista assim formula o processo que a permeia: « são trabalhos cuja prática, silenciosa, é como tatear para dentro – e isto implica em um estado permanente de relação, não apenas com as ações sutis de um corpo sob os estímulos do mundo, mas também com um 'planar' interno. Ou seja: corpo oco. Cujo interior não é só meu, visto que pertence ao mundo.»

Carlos Mélo não parece preocupar-se em apagar a forma externa do corpo para escapar à prisão da representação, onde a criação artística esteve por tanto tempo confinada. Este passo já foi dado antes dele e faz parte do legado que o constitui como artista; repeti-lo seria chover no molhado; pior que isso, o gesto se reduziria à limpeza do terreno sem que nele germinasse coisa alguma. Distante da mera oposição ou combate à representação, o alvo aqui é ativar e dar forma a uma outra dimensão do real do corpo: carnos que se revela sob carlos, como o designou o próprio artista.

Abismos se inscrevem na migração do auto-retrato para outro suporte, agora o desenho – como já havia acontecido na série *Cosme & Cosme*, mas com outros procedimentos. Aqui, os traços do rosto são esmaecidos, por esmaecimento ou apagamento; ou então, velados, encobertos por espessa mancha de grafite, criando zonas pictóricas que parecem ganhar volume e se desprenderem do plano: uma quase-pintura que de tão densa chega a ser quase-escultura. Por exemplo, os cabelos. Estes abandonam sua condição de representação para torna-se chumaço pictórico preto-luz a dissolver as qualidades identificatórias do lugar onde se alojam, de modo que sua outra face se revele. E os cabelos migram: do rosto para o dorso da cabeça; eles podem eventualmente também alojar-se em diferentes partes do esqueleto, ou mesmo sobre o corpo todo como uma negra e impenetrável batina a isolar seus afetos; podem ainda espalhar-se pelo ambiente, formando espessa cortina a impedir a passagem da luz.

Nestes desenhos, os reinos vegetal e animal se desterritorializam. No corpo humano, até o esqueleto, seu elemento mais estrutural e mais duro, tem a imagem deslocada de sua organização funcional, extensiva, para que nele se libere o acesso à sua processualidade intensiva. A composição das diferentes partes do esqueleto, bem como do esqueleto com os demais componentes do corpo –

cabelos, por exemplo – está totalmente fora da ordem. Igualmente fora da ordem, está sua relação com o exterior do corpo: flores atravessam ossos numa inesperada mistura entre reinos. Apenas esboçadas, as flores parecem emergir de uma resistência do gesto, tensionado entre dois vetores. De um lado, o inerte conforto do vício de fazer-se sob a forma de desenho para fins científicos ou pedagógicos (ilustração das coisas pelo lado de fora, o mais óbvio); de outro, o necessário desconforto da recusa a submeter-se à ordem oficial do mundo, para atingir as coisas em sua densidade sensível, o menos óbvio. Por mais supostamente figurativos, tudo foge nestes retratos do invisível: a flora, a anatomia, suas espécies, suas categorias... Tampouco se pode depreender qualquer narrativa de sua insólita composição: mais um procedimento da operação poética que nos desloca da representação e nos lança no intensivo.

Reforçando a incontornável disjunção, aparecem os microfones. Também eles são elementos recorrentes na obra do artista. Colocados onde menos se espera, eles funcionam como uma espécie de apelo à nossa escuta da vibração do mundo que teria se tornado invisível e inaudível. Em diferentes tamanhos e posições, aqui eles ora amplificam tal vibração no corpo das flores, ora no corpo do homem, como que a insinuar que por impacto da dissolução de um território e seu universo de signos – o abismo –, as vísceras tivessem que cegar-se momentaneamente em sua potência retiniana e coubesse à prática artística reativar o desejo visceral de encontrar o mundo, convocando para isso sua outra potência, a vulnerabilidade às forças.

A obra de Carlos Mélo demarca um território, ou melhor, o instaura. Como fazem os animais, a instauração aqui é feita de dispositivos sempre ritualizados, que são, mais do que tudo, ritmos. Porém, diferentemente dos animais não humanos, nestes trabalhos, o ritual e seu ritmo estão constantemente mudando; eles se inventam a cada vez em função do meio onde se fazem e do campo problemático que buscam enfrentar. Para isso o artista instala-se na imanência do mundo, ao pé do real vivo, só apreensível por afeto. Um exímio retratista do irretratável.

Suely Rolnik,

Catálogo *Prêmio CNI SESI MARCANTONIO VILAÇA*
Artes Plásticas, Mostra Itinerante 2006|2008

Outubro 2008